



Visado pela  
Comissão de Censura

# O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XII \* N.º 306 \* PREÇO 1\$00

## COBRANÇA

De tantos anos que o jornal tem, so agora começamos este serviço porque só agora temos o rapaz para ele. O responsável. O capaz. Antes não tínhamos ninguém. A situação do periódico é esta: há vinte mil assinantes que pagam todos os anos espontaneamente e isto significa cinquenta contos por mês. É uma linda base. Quem faz assistência precisa ter algo de seu. É mesmo por causa disso, que os Poderes Públicos concedem subsídios. A quem não tem nada eles não dão nada ou muito pouco. Anda aqui um bocadinho daquela verdade do mundo: *vale quem tem*. Pois sim senhor! Os que pagam sem cobrança garantem-nos cinquenta contos mensais. Ficam outros vinte mil. O serviço a que Avelino e Bonifácio se têm dado, prova que metade pagam e aqui temos mais vinte e cinco contos por mês, o que, junto ao que acima se refere, dá setenta e cinco contos. Já se pode bufar e temos bufado. Ficam ainda dez mil assinantes e destes temos muita queixa. Avelino faz a cobrança por terras. Os títulos começam a chegar. Abrem-se as cartas. Oh tristeza! Nas costas de cada recibo aparecem muitas e variadas declarações; *faleceu. Mudou-se. Apresentado, recusou e esta é de todas a mais crua*. Não podemos aqui dizer

se é o carteiro a falar por si ou se é recado que lhe dão. Tanto pode ser uma coisa como outra. Não sabemos—mas isto representa um grande desfalque. Poderíamos ir aos cem contos se todos estivessem em casa e quisessem cumprir. Cem deles por mês seria uma coisa muito bonita. E era legítima. Quem aceita o jornal contrai uma dívida.

Eu tenho muita pena quando oiço falar de um homem ou de uma família arruinados por outro homem ou por outra família. Há casos trágicos. Às vezes são até nossos vizinhos. São mesmo nossos parentes. Que fontes de privações! Que bens perdidos! Que ruína imerecida! E contudo os causadores desta verdadeira desgraça comem, vão às feiras, entram nos cafés, casam os filhos, viajam; e até, por vezes e para sua maior ruína moral, os negócios correm-lhes bem! Não estamos aqui a fazer uma comparação mas sim somente mostrar casos da vida. Por nossa parte, felizmente, temos outros recursos. Outras fontes. Não sentimos a falta de quem nos falta. Mas era muito bonito que ninguém mandasse escrever aquela palavra feia nas costas do recibo; e se é o carteiro que por sua conta e risco o faz, isso então ainda é mais feio. E a cobrança continua.



## TRIBUNA DE COIMBRA

*Se vivemos hoje numa época em que os homens se odeiam, também como nunca os mesmos têm necessidade de amar. E se agora se nota um ódio de morte contra Deus, por outro lado sente-se uma avalanche de amor às obras em que Deus se manifesta. Mostre-se aos homens do ódio Deus presente nas suas criaturas e eles adorá-Lo-ão cegamente. A Obra da Rua dá disso testemunho vivo.*

*Chegamos há dias da Praia de Mira com os nossos que formaram o derradeiro grupo e viemos cheios. Mais do que cheios, viemos maravilhados. O Espírito sopra onde quer. Deus opera maravilhas por meio dos homens. Todos nos conheciam, todos nos amavam. Os nos os mais pequeninos andavam de colo em colo e passavam o dia de casa em casa. Na véspera da nossa vinda, o jantar foi melhorado. Juntaram-se em nossa casa muitos veraneantes e todos com ofertas. Na hora da partida era o largo cheio de gente.*

*Tivemos quase todos os dias à noite pessoas de fora a rezar o terço connosco em nossa casa. A senhora dona da casa nuns dias que esteve na Praia, aproveitou a minha ausência e foi também rezar o terço e ficou maravilhada.*

*E o mais espantoso é que não estava senhora nenhuma a tomar conta. Eles é que faziam a comida e lavavam a roupa e limpavam e esfregavam a casa e tratavam dos mais pequeninos e tudo estava bem e no seu lugar. Isto é que fez admirar toda a gentel...*

*Deus não nos faltou e os auxílios miterais também não. Estivemos vinte e seis dias e uma média diária de vinte pessoas e recebemos mais do que gastamos.*

*O peixe oferecido pelas companhias de pesca foi em abundância. Um médico de Coimbra, todo nosso, deixou cem na mão dum nosso pequenito que encontrou na areia. Mais cem que um vizinho, a quem faleceu uma filhinha que era o seu encanto, lá nos foi levar; m. çãs e rivas duma pessoa amiga; duzentos dum sacerdote em Mira; cem na mesma terra da irmã doutro sacerdote; e ainda também ali cinquenta e uma boa merenda a um grupo que ia comigo e um garrafão de vinho e boroa de duas irmãs sempre muito dedicadas a nós. Um senhor, como nos anos anteriores, comprou várias vezes peixe e mandou-as a casa; vinte n.º bo. d a senhor Prior. Minha boa mãe e pessoas de família ofereceram*

*as batatas e hortaliças e boroa de que tivemos necessidade; a lenha foi nos cedida pelos serviços florestais. Um senhor que não tinha ali nada que nos dar vem a sua casa a uma boa desena de quilómetros buscar vinho à sua adega. Cinquenta e mais dum sacerdote muito pobre que nos foi visitar.*

*E para completar, todos os assinantes de «O Gaiato» da Praia de Mira, e são bastantes, pagaram a sua assinatura. Ficamos já presos para o ano que vem.*

...

*Além daquilo que nos deram por lá, os nossos amigos de cá também não esqueceram os sessenta que ainda tínhamos em casa; as nossas amiguinhas Maria Helena e Maria Isabel deixaram 200\$00 no Profrío Delgado; um enfermeiro dos hospitais entregou-nos igual quantia das suas economias e mais cem que o Snr. Dr. N. V. não lhes quis levar da consulta; em S. Bartolomeu deram-me 20\$00 para um rapaz sem trabalho; na mesma igreja e ocasião um oficial do nosso Exército deixou-me cinquenta.*

*Senhor que nos veio visitar, outro visitante pobre deixou vinte; um Senhor Doutor a quem fui visitar na sua doença entregou-me cem; um grupo de Cantanhede de visitas colectou-se com vinte; vários embrulhos de roupas e sapatos aos nossos vendedores em Coimbra. E agora que falamos em roupas, os senhores e senhoras não se esqueçam de que o inverno está à porta. Os pobres já deram por isso. Ante ontem apareceram quatro a pedir um cobertorzinho. E foram sem nada. O inverno e o terror dos pobres e faz-nos arrepiar a nós também. Há pessoas que dizem que é só nós pedirmos no jornal e que aparece logo tudo. Deus queira que assim seja.*

*Duzentos que um senhor da Bardinheira deixou para nós no Colégio dos Orfãos; 20\$00 na Auto-Industrial dumas funcionárias pobres de S. Pedro do Sul; 120\$00 e agora 80\$00 no castelo da «Anónima dos Casais»; livros escolares e vinte que nos veio trazer uma família de Coimbra; fregueses do Sardeña que vieram visitar e deixaram cinquenta; duzentos a um vendedor para cancerosas; dois cobertores de lã e 200\$00 duma senhora da primeira hora onde costumamos ir muitas vezes. Que todas essas ofertas sejam actos de amor de Deus para que todos o amem.*

Padre Horácio

## CALVÁRIO

Não vamos aqui falar desta aventura como se fora o agitar de uma ideia. Não vamos, que ela está dormente no coração de todos os mortais. É uma comunicação. Uma necessidade de revelar ao mundo a presença de Deus, pois que só por Seu amor se podem levar a cabo aventuras desta natureza. É o amor de Deus que as gira; o amor de Deus que as executa; o amor de Deus que as alimenta. Ninguém nos pergunte jamais como havemos de sustentar amanhã uma ou duas centenas de Doridos. Quem tiver posses e saúde para se meter a caminho, vá a Turim. É na Itália. É fora das portas. São onze mil incuráveis a quem nada falta porque a Providência lhes dá tudo. Dito de Turim, dito de Beire. Nós somos adoradores de um só Deus.

Tal como as casas do Património, também esta obra do Calvário estava por fazer sendo que toda a gente vive e sente a necessidade dela. Se no caso da primeira, começada ontem, já recebemos à beira de quatrocentas dúzias de contos, segue-se que para esta havemos de receber o preciso, pois que são idênticas. Nem homens na Barraca, nem moribundos na Valeta. O primeiro numa casa. O segundo num leito. Esta é a ordem.

Bateu-nos aqui a porta um rapaz de vinte e dois anos, que tinha feito larga temporada em um hospital e, por curado, deram-lhe alta. Tinha sofrido duas operações qual delas a mais perigosa. Perdeu carne. Perdeu sangue. Perdeu a cor. Foram sete meses. O rapaz expõe o seu caso com a máxima sinceridade. Não se queixa que lhe tivessem dado alta; ele acha isso razoável. O seu assunto era outro. Em casa não tinha

nada que comer nem vizinhos que lhe dessem. Não podia trabalhar. Não tinha forças para mendigar. Era um caso liquidado. *Eu morro*. Vive hoje na nossa comunidade. Se ao tempo da abertura do Calvário, este rapaz ainda não estiver pronto, será um dos primeiros. O caso que acabamos de relatar, está no programa. Tal como este muitos, grande número de necessitados, porque doutra sorte viriam a perecer, hão-de fazer ali a sua convalescença. Salvamos vidas. Quem se não há-de impressionar? Além dos casos desta natureza, temos os dados por incuráveis e estes são legiões. Todos nós compreendemos que o fim do hospital é curar. As camas estão ali e são postas ao serviço dos doentes. O que não tem cura não é recebido. Se uma vez o foi e prova incurável, tem de se ir embora. Esta é a regra. Não consta que ao lado de cada hospital haja ainda o anexo dotado para este serviço. Não consta. Dado mesmo que isso se venha a realizar, são tantos os que esperam que muitos e muitos hão-de ficar sem vez. Ora é justamente por isso que este nosso Abrigo vai ser a obra desejada. Cerra os olhos de moribundos, que doutra sorte não teriam quem nem aoude.

O Padre da Rua que a Providência vier a escolher há-de ter muito que dar; pois que muito vai receber; as confidências. Os desabafos. Consolações divinas. Se ele também for um doente, melhor entenderá a linguagem dos doentes.

A residência hospitalar da Obra, prevê acomodações adequadas, de sorte que ele esteja em sua casa, estando ao mesmo tempo no meio dos doentes.

# Património dos Pobres

Por força de várias circunstâncias, houve de assistir à entrega de moradia em Rio Maior. Estão situadas quase dentro da vila em um terreno cheio de oliveiras, obtido em boas



Rio Maior precisa e vai ter 20 casas assim.

condições. Quando chegamos, estavam vicentinos a dar os últimos retoques para que se fizesse a entrega no dia seguinte. As casas são do sistema de todas, só que munidas de água e luz, por favor do Presidente da Câmara. Mobília, roupas, utensílios. Não faltava um berço com uma almofada de sumáuma, ornado de roupa e lençol dobrado, pronto a receber a criança que a mãe de oito filhos ainda traz no ventre! Os vicentinos de Rio Maior, amam aquele filho desde o ventre de sua mãe. Deram a lição. Pois que todas as mães amem seus filhos desde o ventre. As horas estávamos todos. Muita gente. Procedeu-se à bênção destas e ao lançamento da primeira pedra para mais duas. São casas gêmeas afastadas umas das outras por um quintal. Os vicentinos desejam vinte delas, que tantas são as barracas que actualmente infestam a vila. Estas duas famílias vieram de lá. O Presidente da Câmara, aonde puder botar abaixo bota, e se o não pode fazer, pede ao Delegado de Saúde que a condene. Assim é que está certo. Isto é a norma. Que todos a sigam.

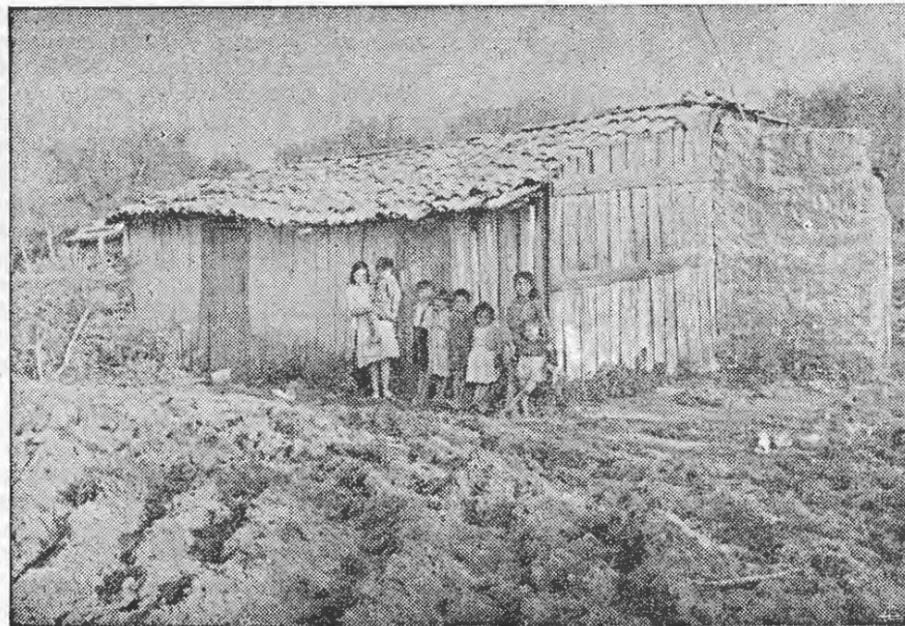
Também temos notícia da entrega de oito casas em Torres Novas. Também de quatro delas em Rio Tinto. Outras tantas em Paranhos da Beira. Meia dúzia nos arredores do Porto, concelho da Maia freguesia de Gueifães. Vila Nova do Ceira, que fica perto de Góis, vai entregar duas. Murtosa vai fazer o mesmo a três. Arcos de Valdevez, entregou outras tantas. Assim como quem brinca e como quem ama, num período de duas semanas engrandecemos o nosso povo. Gosto desta palavra. Engrandecer o povo é elevar a Nação. A casa vale tanto como a cultura. Mais. Sem ela não pode haver cultura.

Da cidade de Tomar, temos muitas boas notícias. As primeiras cinco deram o ensejo e vão-se fazer mais. Há ali quem tenha depositado dúzias de contos nas mãos do pároco e ele está decidido. Vai começar. Isto vem ao encontro do nosso rumo que nós, padres da rua, devemos dar à Obra do Património. É que a nossa especialidade é o Rapaz. Hoje temos a passar de quinhentos deles. A nossa presença é indispensável. Sem ela não educamos. Tem de ser fado con-

tra baixo. Ora a verdade é que o Património vai crescendo de forma tão assustadora, que nos vemos na necessidade de chamar pelos nossos Bispos, a não ser que nos arrisquemos

a cair na heresia das obras.

Por isso, pessoas e vicentinos que estejam interessados, dirijam-se aos seus párocos e eles tratam de tudo quanto é necessário para implantar as casas na paróquia, de acordo com os seus Prelados. Nós, os padres da rua, não podemos nem devemos ter qualquer interferência a não ser estimular, repartindo das esmolas que nos confiam. Para tanto, basta que isso nos seja superiormente comunicado. A seguir vamos examinar. A seguir entregamos conforme as nossas posses. De outra maneira não. Casos tem havido que nos obrigam a esta segurança...



Rio Maior não quer e vai acabar com 20 barracas assim.

É preciso não dar grande crédito ao que até hoje se tem chamado o subsídio do Governo. Muitos leitores interessados no assunto, falam de tal maneira, que mais parece exigir do que pedir. Ora a verdade é que não se trata de um subsídio oficial. Não é um compromisso. É o resultado de um acto de boa vontade que chega até onde pode; e não é mais nada. Nesta data e a começar em Janeiro, encontram-se justamente 207 casas prontas, entregues quase todas e as restantes em vias disso. Tomando em conta a importância que o senhor Ministro nos concedeu, para este fim «seiscentos contos» todos podemos ver

# A Voz do Atlântico

Por Padre Elias

No dia primeiro de Outubro, a Casa do Gaiato dos Açores, fez três anos. Nos dois primeiros anos a casa do Atlântico, tinha outro nome. Chamava-se então a Obra do Gaiato Micaelense. Não era Obra da Rua, nem era também Casa do Gaiato. Não era simplesmente de nome, mas o espírito estava e tanto estava que o PAI AMÉRICO viu e aceitou. Mudou-se o nome da porta da entrada, mas não a Obra. Esta estava continua, e continuará até que haja indesejáveis nas ruas de S. Miguel, e corações generosos em toda a ilha.

Nesse dia do terceiro aniversário, chuveram cartas e tiveram telefones e telegramas dos quatro ventos do Arquipélago e do mundo.

Não foi só Ponta Delgada que esteve presente pode dizer-se que foi Portugal inteiro. Vieram cumprimentos da América do Norte e da do Sul, de Moçambique e de Angola, de Macau e de Goa. Não faltou a carta do amigo que vive em Paris e a do irmão quietinha e silenciosa do outro amigo de Londres. Esteve o mundo presente na nossa Casa. Começaram as cartas no dia vinte e oito de Setembro e só terminaram a oito de Outubro. Todas a cumprimentar. Todas a desejar que a Obra continuasse e cresça e receba mais vultuos. Dir-se-ia que algumas das cartas foram escritas pela mesma pena. Repetem-se quase à letra. Um só DEUS, uma só fé, o mesmo amor.

Esta chegou das Áfricas e vinha assinada por um Manuel, Pai de Família.

«A minha mulher lembrou-se ontem da visita que nós lhe fizemos no dia do primeiro aniversário da nossa Casa do Gaiato. Lembra-nos da missa que v. celebrou e das comunhões que os pequenos fizeram, por todos os seus amigos e benfeitores. Nunca mais nos esqueceu, a prática que v.

dirigiu aos pequenitos e queremos ter também este ano, uma parte das orações.

Mando-lhe aqui uma insignificância, para o jantar desse dia grande. Desculpe e saiba que é mandada com muito amor e muita pena de não poder dar mais.

Recordamos todos com muita saudade, a visita que lhe fizemos, e até a minha miuda, que até então era preguiçosa, agora quer ajudar a Mãe nos trabalhos da casa, porque os meninos do Gaiato também lavam a louça, varrem a casa e fazem as suas camas. Nunca mais a garota se esqueceu do que viu.

Confesso-lhe que também andava bastante afastado da Igreja e dos Sacramentos. O calor dos pequenitos, naquela manhã, comunicou-se-me e fez-me muito bem. Nem calcula quanto devemos aos seus Rapazes e à sua Obra. Dê saudades minhas aos pequenitos e peça-lhes que rezem também por mim, por minha esposa e filha.»

—Ainda no mês de Outubro, tivemos em Monte Alegre a visita do Sr. Ministro das Obras Públicas. Já conhecia Sua Ex.<sup>a</sup> através do Gaiato, pela pena do Pai Américo.

Estivemos todos naquela tarde, no balcão que dá para a estrada nacional, esperando o ilustre membro do Governo de Salazar.

Os pequenos resolveram saudar o Sr. Ministro com uma salva de vinte e um morteiros, pétalas, palmas e uma alcatifa de verdura, do portão da entrada até ao prédio. Concordei. Era o primeiro Homem do Governo que nos visitava. O Sr. Ministro percorreu toda a casa e no fim perguntou-me o que desejava da sua pessoa. A primeira coisa que me veio à boca foram as Casas do Património. Quero construir muitas casas para Pobres.

Sua Ex.<sup>a</sup> prometeu imediatamente vinte contos para as quatro primeiras, dizendo que contasse sempre com a sua ajuda.

Depois foi a conversa com os Rapazes. Primeiro os mais novinhos, que tomei ao colo, para bem poderem ver e ouvir. Depois os mais velhos. Rafael, Ângelo, Claudimiro.

Vamos a ver se é agora que a Obra do Património toma incremento cá na Ilha. O Governo já falou; dinheiro por cá não falta; a necessidade está à vista, talvez aqui como em nenhuma outra parte do país. Vamos a ver se é agora.

Até aqui tenho-me limitado a fazer pequenos e grandes concertos em casas arruinadas.

Agora mesmo saíram de cá duas Mães de família a pedir socorro. A noite passada foi de chuva torrencial e as duas famílias apanharam-na como na rua: «Juntei os meus seis filhinhos a um monte e deitei-me por cima deles para que não adoecessem.»

Quem pode ouvir sem prometer? Tenho ajudado nos concertos e vou continuar a ajudar. A gente de S. Miguel tem o coração no mesmo sítio da gente do Continente. Eles vão dar. Eles hão-de compreender a nossa revolução. O Governo já falou em S. Miguel.

Tipografia da Casa do Gaiato

PAÇO DE SOUSA

Executa trabalhos gráficos para o continente e ultramar

# PELAS CASAS DO GAIATO

**ACORES** No dia primeiro de Outubro fez três anos que a nossa Casa do Gaiato foi fundada em S. Miguel. Nesse dia estivemos no Altar para agradecer ao Pai do Céu, a alegria de comemorarmos mais este aniversário e de ter tocado os corações do Povo de S. Miguel, que nos tem dado tantas coisas e que tanto nos tem acarinhado.

Lembremo nos, também do querido Pai Américo e da sua primeira visita a nossa Casa, e dos Senhores que ofereceram ao Sr. Pe. Elias a linda quinta de Monte Alegre.

A nossa Casa, conta apenas três anos de existência; nos primeiros dias passamos muitas necessidades, mas hoje não. Hoje até já podemos atender aos pedidos das centenas de Pobres que nos procuram. E nós gostamos de ir ao encontro deles.

Por último lembramo nos também do nosso Sr. Pe. Elias, a quem devemos hoje, abaixo do Deus, tudo o que somos.

O nosso irmão José Maria, foi o primeiro que saiu da nossa Casa para o Continente a frequentar o Seminário da Cova da Iria, Leu bramo nos dele todos os dias, porque ele era o melhor de todos.

Dizia sempre que queria ser Padre e a gente às vezes, ria-se dele tanto teimou, tanto andou em rixa do sr. Padre que sempre foi embora para o José e de lá para o Seminário. Muitas felicidades Tojal e Maria e para a serra um dia um Padre da Rua, como o sr. Padre Américo e como o sr. Padre Elias.

O nosso Zeca, que tem apenas três anos e meio e é muito bonito, esteve quase a partir para o Jesus.

Esteve de cama durante muitas semanas, só depois de muitos exames e tratamentos é que se descobriu que tinha um pulmão afectado. Ficamos muito tristes, pois que o Zeca e o Quim, são as pupilas dos nossos olhos. Houve lágrimas cá por casa. O Zeca não se importa de morrer e dizia a todos que queria ir para o Céu.

Depois de quarenta e cinco dias, de muita febre e martírio o Z. quinha começou a me horar e hoje já se levanta. Estamos todos muito contentes, porque os nossos miúdos são a nossa alegria e Deus nos livre se algum deles tiver de morrer. Os nossos amigos da cidade também andavam preocupados e quase todos os dias telefonavam, a saber de Zéquilha.

O sr. Ministro das Obras Públicas esteve em S. Miguel e também foi a Monte Alegre. Nós fomos todos cima para o receber. As horas de espera foram, de ansiedade. Finalmente quando o sr. Ministro chegou nós saudámos-lo com palmas, foguetes e flores. Na companhia de muitos senhores que são muito nossos amigos, o sr. Ministro correu a nossa Casa nova e por fim fez muitas festas aos mais novos e tirou uma fotografia com o Zeca.

Prometen em ajudar as Casas do Património e o sr. Padre ficou muito contente porque nós temos muitos Pobres, morando em Furnas e em sabanas de animais.

Angelo Manuel

**MIRANDÓ** Vieram até cá os jogadores do Ginásio Lourenense com os quais realizamos um desafio de futebol. O resultado final, foi de 3-3. O nosso grupo apresentou-se da seguinte forma: Carequã, N. las e Figueiredo; Crisanto, Afonso e Humberto; Barreiros, pião, Machado, Alberto e Octávio. O jogo decorreu sempre em bom andamento, não se pupando a esportos. O resultado acabou-se bem, que os golos dos nossos adversários fossem quase facilitados pelo nosso guarda-redes, em todo o jogo. E de saltentar a coroa dos jogadores. No Ginásio distinguiram-se os jogadores Amadeu e Hermenegildo.

No dia 2 de Novembro a Santa Igreja comemorou a festa dos fiéis defuntos assim de snfragar as almas do Purgatório. Nós ouvimos pela manhã as três missas celebradas na nossa Capela. Durante elas, rezámos o terço e quase todos comungamos pelas almas do Purgatório. Depois aqueles que tinham mais de 12 anos foram à Vila assistir às exéquias que ali se realizaram para snfragar as almas do Purgatório.

José Roque Crisanto

**PACO DE SOUSA** Dia 1. Finados. Voz da Saudade Quando lembramos aqueles que partiram. Aqueles que depois de cumprirmos a primeira etapa, entraram na decisiva. Missa na nossa Capelinha. Ao Sacrificio se juntaram as luzes que temos acesas. Que a força delas se faça sentir nas almas de nossos irmãos, para que estes se lembrem, se preparem para a mais dura das realidades: a morte. A ela ninguém escapa: tanto faz ser reis, como ministros, ricos ou pobres. Todos são os mesmos perante a ineluctável figura do Supremo Juiz. Ser infundável de amor, que nos criou e nos espera na Eterna Glória. Como seremos felizes, quando, um dia, nos encontrarmos no Paraíso, onde poderemos ver a figura inexplicável do Mestre. O Jesus Trabalhador. O obediente Operário de Nazaré!

—Por volta das três horas houve jogo entre as equipas do nosso Grupo Desportivo e um misto de Cêta. Ganhámos com inteiro merecimento por 7 bolas e duas. Jogo que se caracterizou pela maneira fácil como o nosso conjunto manobrava. Todos formavam um bloco muito razoável. Alinhámos: Brito; Quim, Augusto e Luiz de Carvalho (aquele negro...); C. Pereira e Domingos; Cerqueira, Gais, Daniel, Rui Seixas e Banana.

Foi um jogo bastante agradável, em que impetrou a correcção posta na luta por ambas as equipas.

—A seguir, no mesmo campo, fogueiras. Cada Casa sua fogueira, uma para os jogadores visitantes, suas castanhas e sua cântara de vinho. A arder, o fumo, paus a mexer, as castanhas a dar estouros, uns vão-as metendo para os respectivos sacos e outros não sei se para adiantar serviço, vão metendo para o estômago, castanhas distribuídas, bolsos cheios, toca a tirar-lhe a casca e comer com vontade, alegria não falta.

Daqui fomos em romagem até ao cemitério da freguesia, mesmo pegado à nossa quinta. Terra fresca por ter chovido na véspera. Flores. Por todos os lados delas. As pétalas delas lançadas sobre as campas de terra, pedra ou mármore. As nossas narinas captam e transmitem ao cérebro, o seu cheiro que nos embriaga. O silêncio é profundo. Neste lugar e mesmo dia é lugar para inspiração dos poetas. A um canto ficou junta toda a nossa numerosa família. Senhor Padre Carlos levantou a voz, todas as pessoas se aproximaram. Cristo é transmitido ao coração dos presentes. Os deveres para com Ele e nossos mortos são lembrados. O cheiro das flores até parece mais agradável. As flores são o símbolo dum amor que vence a morte. «Ave Maria, cheia de graça». É o Terço. O Terço que rezamos a seguir, para ajudarmos a subir a escada mais alta—atingir o Paraíso—as almas que se encontram no Purgatório e são purificadas em denso fogo.

—Já começou o cinema. É no nosso salão, aos sábados e domingos. Os filmes são alugados pela Casa J. C. Alvarez, de Lisboa. Todos gostam. São de Cow Bois, culturais; para rir, como Bucha Estica; reportagens. Pai Américo também gosta e não falha a nenhuma sessão. O operador era o Avelino, mas como se cansou, passou a comandar os serviços o Engenheiro António Machado. É muito bom. Tem-se portado às mil. Os nossos louvores.

—O tempo foi arrefecendo e nós a tomar banho ao sábado já estávamos a torcer o nariz. Agora já tal não acontece. Já se começou a aquecer a água. Até custa mais a aviar a malta, pois acha-se bem sob a água quentinha. Quem risca e se vê em papos

## = AGORA =

Hoje chegou aqui um moço dentro dum carro modesto e faz entrega de mil escudos—é para o *Patrinhão*. Pergunta se a capela está aberta. Está sim senhor. O Desconhecido entra, *conver* a e retira-se. Que teria ele dito a Deus? Amados vicentinos de todas as paróquias; nós não vos damos *todo* o dinheiro para as vossas construções. Ajudamos. Mas o que vos vai ter à mão, das vossas, é assim. São homens que não dizem o nome aos homens. As contribuições dos vossos paroquianos também há-de ser assim. Resultado? Escolher. Escolher bem a família ou o indivíduo. Que tenham *categoria*. As pedras destas casas são sigladas com amor. Sim. Não façamos distinção onde o Mestre não distinguia. Há um Único Amor.

Também estive em deixou que subiu as escadas e deixou ficar uma casa—doze contos. *Logo não chega*, assim o disse, enquanto contava. Não tem nome; a maior parte dos que nos oferecem dúzias, são assim. Nem a esquerda o sabe!

Uma família residente no Rio, veio cumprir a promessa de uma casa, e entrega uma dúzia. Tantos cientistas ocupados hoje na descobertas dos segredos da natureza, tantos! E os da graça? Quem se ocupa em descobri-los? O *Patrinhão* dos Pobres é um segredo Divino! Quem o diz? Esta promessa. Queridos vicentinos de todo o Portugal, esta obra é para vós. O espectro da Barraca tende a desaparecer. A morte dos que ali habitam, começa a ser viável. Vós sois testemunhas de resurreições diárias. Rezai por mim. Uma senhora veio aqui entregar dois contos e foi-se embora. Até as notas eram de esculha! Alguém

de aranha aqui, são os chefes das casas que fazem serviço à vez...

—O Abel costuma todas as noites prender o seu cão no Aviário, que fica ao pé da Casa três. De noite começa a ladrar não deixando os da mesma Casa dormir descansados. Estão a dormir descansados: é, é, é, toca a fazer despertar a rapaziada, mesmo contra a sua vontade. Escamaram-se e estavam com ideias de *apertar* o fiado ao Abel. Vê lá como te ajeitas e vai pondo as costas no seguro. Eu cá ouvi uma conversa...

—Foram-se os dias lindos. Agora chegaram os tristes como também não há rosas sem espinhos.

Vento agreste. A chuva fustiga as persianas e os vidros. Nós no refeitório. O «Seja Louvado e Adorado Nosso Senhor Jesus Cristo» dito pelo maioral, anuncia o terminar da refeição e o momento de agradecimento. Graças ao Senhor por me dar de comer sem eu o merecer. Os nossos benfeitores, como não podia deixar de ser, são também lembrados, pois em nome de Deus cumprem o preceito por Ele ensinado. A noite adensa-se mais. O vento aumenta a sua força. A chuva carrega. Há trovoadas e relâmpagos. Começamos o nosso Terço. Como e onde estarão neste momento, muito dos nossos irmãos pobres, que nem uma côdea para dar comer aos seus têm? Como estarão as suas velhas casas com telhado incompleto, paredes cheias de brechas que não podem resistir às intempéries?

—O correio trouxe-nos mais um fascículo da História do F. Clube do Porto, da autoria do consagrado João da Silva e R.drigues Telles e editada pela Tipografia Marca. Obra belamente impressa—Um autentico louvor às artes gráficas—e o conteúdo de melhor que já. Tinha uma separata a cores do extraordinário jogador que foi A. tar de Sousa (Pinga) e muitas fotografias das multíssimas modalidades que se praticam dentro do grande clube azul e branco. Não poderiam também faltar a galeria das boas fedações, o trabalho dispendioso que lhe devotaram e dev tem to o amor e todos fizeram deste clube orgulho do norte e de Portugal baluarte do Desporto Nacional. Os melhores agrade-

cimentos e os nossos parabéns ao Sr. Rodrigues Telles autor, e à casa editora Tipografia Marca.

O Mangas e o Palhaço fugiram. Prepararam as malas, maquear m alguns dos seus colegas e tocaram a caminho. O pior é que lhes escaparam as ditas e tiveram de ir mais leves...

Lá fora não se ouve o toque da sineta, o cinto começa a descer de escada e caímos de caminho os fugitivos. O fr. o tamoc a começa a apertar e os calções tombam não são de molas...

Claro que quando se resolverem a entrar terão de dar com as...

Que te quam paciência os ricos meninos, mas isto nao é maninho...

DANIEL BORGES DA SILVA

**TOJIL** —Embora tarde sempre vai dar as notícias da nossa ida a Setúbal Era Domingo, dia oficial da Inauguração. Logo pela manhã depois de assistirmos à missa e alguns terem comungado, pedindo protecção para a nova casa de obra. Embarcamos na fu gonste na ânsia de percorrermos os 70 quilómetros que nos separam de Alge-rux e estarmos a tempo de ver tudo minudamente.

—Os de Lar de Lisboa foram na camioneta de carreira. Dequi até lá o caminho já é mesmo sonhacido. Alegria nova a travessia do Tejo. Ninguém quis ficar dentro da carrinha, todos fomos para a amurada admirar o que as mãos dos homens construíram nas colinas de Lisboa maravilhosa, talhada pelo Criador. Da nove em terra firme a furgoneta de Lisboa até Setúbal.

—Uma vez lá não houve canto que não se observasse. Entretanto começou a chegar a bicha dos carros. Ranchos de alegres rapazes e raparigas começaram a encher e recintos há pouco deserts. Quando sou o jovial ahamento do sine da capela, esta encheu-se de festeiros. A inauguração decorreu solene e piedosa. Depois da Bênção da capela, foi a missa nova acompanhada a gante se pelo 40 irmãos de Setúbal. Toda a gente se admirou como em pouco mal de dois meses os rapazes puderam cantar tão bem! A silocução de Sr. B. spo de Cizico foi encantadora. Até e Manel do Embrolhe apareceu no Evangelho Ouviram se muitos foguetes e morteiros. Depois de senhores de Governo se terem retirado fomos nós ao almoço melhorado que constou de bens e variados pitéus que suberam a nozes.

—Come tradicionalmente fomos no dia 1 a A-das-Libas a casa do Senhor Pinheiro que gentilmente nos dá todos os anos se comemoratório querer mais. Era já tarde quando pedimos a Deus que abençoasse os alimentos que íamos tomar. Como o dia é grande festa e é natural cantado este louvor. Fei-nos servir a ceupa em primeiro, era composta de repolha, sapa e feijão, seguiu se depois o conduto batatas guisadas com muita carne, ne te dia é que era preciso um palito e um guardanapo, mas como não havia desforame-nos no pão alvinho de trigo. Acabados estes alimentos e agradecemos e fomos dar uns pulinhos até às quatro horas. que era para a renda, chegados a esta castanhas à mão cheias e à garriha água pé ao copo; elá... e que eu ia dizer se também a água pé fosse à garriha era melhor que viesse a chover. Acabada esta cerimónia era ver a malta sem se interessar em mais nada, arranjar o melhor lugar na camioneta, pois o Senhor Pinheiro todas as vezes nos leva até Bucelas, Zambujal etc, este ano é que não calheu. Em nome de todos que lá foram su agradeço a este senhor que tem o nosso amigo tem sido.

Também neste dia vieram os nossos irmãos de Lar que connosco compartilharam das mesmas regalias.

Disputamos neste mesmo dia um desafio de futebol com os de Lar. Sobre arbitragem de Senhor Paulo.

Alinharam-Lar: Caperica; Zé da Póvea Corre Munde, e Gandote; José Cascais e Botelhas; Barreiro, Madeiras, Moscardide, Nunes e Lopes.

Tojal: Osca; José Soares, Victor e Miral João Anastácio e Peniche; Rocha, Natalina Mário, Santarém e Nazaré. Jogo mel disputado por ambas as equipas mal rodeadas, mas em troca de bom desportivismo brindou ao fim do prélio as duas equipas com um empate e 1 bola lato demonstrar a força de vontade que os de Lar puseram na contenda.

—Um destes dias o Neel foi buscar o conduto para ele mas queria mais e não tinha ainda com ida primeira. O que é que fez? Vai pedir uma tijela, mas como não havia pediu uma chávana e com esta é que ele ia apertar e conduto, se foi por distração ou por intuito e que foi certo, é que a malta começou toda a rir.

—Andamos na colheita da azeitona mas e ano foi mau e não vem a dar o que se esperava. Este ano é mais careço que carne. Espera-se no entanto analisar um prognóstico se disser que só se conta aproximadamente 1.200 litros deste precioso mená.

Cont. no 4.º página

re Elias  
eremos ter  
e das ora-  
significân-  
a grande.  
dada com  
a de não  
nuita saun-  
mos, e até  
então era  
dar a Mãe  
que os me-  
lavam a  
m as suas  
rota se es-  
andava  
e dos Sa-  
quinhos,  
u se-me e  
apazes e à  
vinhas aos  
rezem tam-  
esposa  
ubro, tive-  
visita do  
Públicas.  
través do  
Américo.  
tarde, no  
ada nacio-  
nembro do  
saudar o  
va de vinte  
palmas e  
do portão  
Concordet.  
o Governo  
Ministro  
o fim per-  
a da sua  
a que me  
s do Patri-  
uitas casa  
diatamente  
primeiras,  
pre com o  
com os Ra-  
novinhos,  
m poderem  
ais velhos,  
o.  
ora que a  
incremento  
é falou; di-  
necessidade  
mo em ne-  
ts. Vamos  
ado a fazer  
os em casa  
de cá duas  
socorro. A  
torrencial  
nharam-na  
reus seis fi-  
itei-me por  
doessesem.  
prometer?  
rtos e vou  
te de S. Mi-  
mo sítio da  
s vão dar.  
a nossa re-  
falou em

Gaiato  
A  
o continente

## CARTAS

## DOCTRINA

## OUTRA CARTA

«Os novos moradores estão radiantes, como lhes sabe bem nestes dias de chuva e frio estar nas casinhas. Mas há que fazer uma parte importante da obra, a sua elevação moral. Temos sido muito criticados por distribuímos uma casa ao Raúl; ele parece que não gosta muito de trabalhar, prefere andar pelos mercados a negociar em burros. Mas, o visitador que já lhe foi apresentado, falou-lhe que era preciso merecer a casa, e, para isso o amor ao trabalho é condição primeira, e então que gosto, já ontem foi trabalhar no campo e vamos lutar a ver se lhe arranjamos emprego certo na fábrica.

Sim, Senhor Padre Américo, e bem real a sua doutrina, não entregar casas, não fazer casas, onde as famílias não possam ser visitadas pelos vicentinos. É preciso dar-lhe o conhecimento das leis divinas, do que nos espera no Céu, e, dar-lhe amparo, carinho e conselhos de toda a ordem. Bendito seja Deus. Tudo está certo na sua obra.»

Parece desumano que alguém diga não façam casas, precisamente numa hora em que elas são tão precisas e contudo continuamos: onde não haja o vicentino, não ergam casas do Património. Não nos interessa a casa de renda barata. Não somos os chamados Bairros dos Pobres. Não somos construtores civis. Não somos. Nada disto é da nossa conta. O que interessa ao vicentino é educar. Elevar o nível dos seus Pobres. Falar-lhes de Deus. Ora para isto tem de haver um laboratório: é a casa. Damos hoje a imagem da barraca e da casa de quem se ocupa o vicentino que nos mandou a carta. Vejamos em primeiro lugar o pardieiro. Quando chove tudo é lama. Havia ali apenas dois arremedos de leito para o casal e sete filhos. Alguns era no chão que dormiam e quando chovia era na lama! O chefe de família, segundo a carta, não queria trabalhar. Andava pelas feiras. Os vicentinos prestavam à família assistência material, sim, e mais nada. Mas eis que chega a hora. Dá-se a transferência para uma casa decente. O visitador pode agora falar e fala: você tem de merecer a casa.

Chama-se a isto um acto inteligente e eficaz. Não se lhe fez uma promessa enquanto na barraca. O homem não acreditaria. Foi dentro da casa. No uso da sua casa. A barraca já estava longe. Por preço nenhum o chefe de família regressaria. A doutrina pôs-se, — você tem de merecer a casa. O homem compreende, aceita: Faz-se luz. É o laboratório. Laboratório dos vicentinos. No dia seguinte foi visto a trabalhar no campo. Graças a Deus!

O nosso sonho de início foi uma coisa muito linda a saber: a cada freguesia um pequenino bem. Casinhas para os seus Pobres. Tantas quantas eles forem. Jamais nos propuemos resolver o problema da habitação. Não caberia nas nossas posses. Com este nosso ideal humilde, temos a consciência de prestar um grande serviço à própria Nação. O indigente prende-se à sua terra natal por amor à sua vivenda. Não vai por aí abaixo com os filhos atrás, terra em terra, em demanda das cidades. Temos a consciência do bem que praticamos, com este pequenino bem de cada freguesia.

A seguir tivemos um sonho ainda maior; foi charar pelas conferências de S. Vicente de Paulo masculinas e femininas e fazer do Património dos Pobres o seu campo de acção. O sonho é hoje uma realidade. Eles aí estão de norte a sul. Valorizam a ideia. São os autores de vida limpa e disciplinada dentro de cada habitação; tanto que sem a sua presença e constância, a Obra seria amputada do seu mais precioso elemento — educar.

Agora vai uma palavrinha respeitosa a Direcção Geral da Assistência. Eu já recebi em tempos, certamente por engano, a circular do estilo, aonde se pede contas do Património dos Pobres desta freguesia; de onde presumo que muitas e muitas hão-de ter recebido idêntica participação. Ora eu li algures, aí por mil novecentos e quarenta e sete, um despacho superior por meio do qual podem ser dispensadas de prestar contas as obras de assistência que são de sua natureza pobres. Este é o caso. Um benzinho da freguesia. Uma coisa pequenina que não mete medo e até seria ignorada se não fosse o vírus da

Beire vai ser o fim. Além do aldeamento dos Inválidos, como já se tem dito e noutra sítio deste número se torna a dizer: além disso, digo, vamos proceder à construção de uma casa mimosa, onde os obreiros possam repousar quando já não tiverem forças. Não se chama a isto uma reforma. É um lugar de descanso. Temos hoje na Obra uma grande dúzia de senhoras que se entregaram a ela sem condições. São verdadeiramente senhoras que os nossos com tanta graça designam por seuhora da cozinha, senhora das casas, senhora da rouparia, senhora do hospital e o mais. Eias são admiráveis cada uma em seu lugar e nas mais humildes profissões. Não são assalariadas; são amadoras. Vieram e estão por amor de Deus. É coisa de admirar saber-se que do Algarve vieram duas irmãs afeitas ao seu cantinho e que por muito tempo viveram ambas no lar de Alcácer. Outra vez de admirar é que se hajam separado sem discussão, tendo ficado a mais velha ali e seguido a mais nova para a casa de

## UMA CARTA

«Os meus respeitosos cumprimentos. Estava ansioso que chegasse o momento de lhe poder escrever duas palavras. Já lá vão tantos dias, mas estou ainda a viver aqueles deliciosos momentos que tive a felicidade de passar nesse santuário, junto dos rapazes. Graças a Deus. Ao deixar a querida Casa do Gaiato senti que algo de novo se passava dentro de mim: novas energias adquiridas para a minha alma em ordem à consecução daquele ideal que um dia sonhei e que se vai transformando em realidade. Só se ama o que se conhece e se vive. Eu fui, vi, amei e vivi. Mais do que nunca me senti arrastado para as alturas. Vale a pena deixar tudo... por amor de Cristo vivo no pobre.

Perdoe-me estes desabafos. Queria dizer-lhe a minha satisfação, a minha alegria por tudo o que me foi dado viver. Espero ansiosamente a hora em que de novo me poderei encontrar no meio dos rapazes. E não lhe digo mais nada. Renovo os meus cumprimentos pedindo-lhe o favor de os transmitir ao Pai Américo e de V. Rev. tn Xto.»

Trata-se de um seminarista de Teologia, do Porto, o qual esteve uns dias na Casa do Gaiato de Paço de Sousa creio que em Setembro. Se o visse hoje entre os do seu curso, não o distinguiria. Perdi-lhe os traços. Morava ao tempo na casa de hóspedes e poucas vezes nos encontramos. Soube depois de ele ter ido, que se notou aqui a sua grande indecisão; vinha a hora e ficava mais um dia. Chegava o dia e ficava mais uma hora. Porquê? Ele o diz: Amei.

Também se soube na aldeia que o enamorado escreveu cartas a alguns dos nossos rapazes, e tornou a escrever, tendo feito o mesmo, por último, ao padre engenheiro. Parece-me que foi mais de uma semana, sôzinho, à vontade. Prescrutou. Vi.

Teve ocasião de sentir o bafo da obra, através da sua voz. Vivi. Por isso sente-se agora arrastado para as alturas. São assim os caminhos do Senhor. Meu caro amigo, torne. Faça como costumam fazer outros seus colegas, de outros seminários. Apresente-se, escolha cama, deite-se. Não diga nada e no dia seguinte venha tomar o cafézinho. Nós somos a barafunda. Somos a porta aberta.

Caridade. As obras de Deus não se podem esconder; são como o firmamento! De sorte que, em virtude daquela disposição superior e por amor dos vicentinos e vicentinas, que dão tudo para a obra, eu peço aqui à dita Direcção que também dê alguma coisa e não mande circulares. Não é uma violência ao código e seria uma elegância para com os vicentinos. Eles tudo merecem. Vicentinos e pároco. Pároco e paroquianos. A gente humilde das nossas aldeias!

Vamos a ver.

Setúbal. Quem as juntou também as separou. Deus é admirável!

Pois bem. Nós temos obrigação de corresponder e dar à obra ocasião de pagar o amor com o amor. Que a nossa obra vai chegar muito longe. Hoje ninguém pode dizer até onde, mas a base está sobre pedra firme e os seus frutos são já uma promessa. Temos por conseguinte de acompanhar. Garantir a estas e outras obreiras, um bem razoável e humano. Os dons de Deus são uma coisa à parte; não se compreendem nem se discutem. Pela força deles, as senhoras que servem a obra poderiam estar dispostas a acabar seus dias de qualquer maneira. Mas nós temos de agir diferentemente.

A vivenda é do risco do nosso muito falado arquitecto Teixeira Lopes e a disposição foi ditada por padres da Rua. Não falta ali coisa nenhuma para um fim de vida feliz. Atendeu-se a tudo. Nós sabemos os costumes e o que é dado a cada uma. Este nosso ponto de vista, não enriquece as obreiras nem lhes tira de sobre os ombros a cruz de todos os dias, mas dá-lhes coragem.

Os nossos padres estão precisamente na mesma conta e também se pensou neles. Quando chegar a hora, cada um sabe que tem para onde ir, e que vá. Que ele é muito difícil ao homem de trabalho saber quando e ter a coragem de entregar a pastal Eu só conheci um em toda a minha vida! Temos pois uma obra ajuizada. Sendo ela, como é, de ideal celeste tem, contudo os pés na terra e como tal havemos de considerar todos quantos a ela se dedicam. Escolheu-se Beire por ser o lugar mais repousante de todas as quintas que ocupamos. Não se houve o silvar do combóio nem ruídos de automóveis nem nada que possa perturbar. Os horizontes são largos e verdejantes. Fartura de água. Vamos plantar árvores e fazer jardins. Tudo indica que seja ali a Estância dos Combatentes. Não é verdadeiramente para mim que estou a construir; não é, mas por direitas contas, devo ser o primeiro. Assim seja.

## NOTÍCIAS DA CONFERÊNCIA da nossa aldeia

Recebemos 50\$ de António M. Serodio. Igual quantia de Leonil F. Antunes. Maria N. Paiva saldou contas e o excesso é para a nossa Conferência, 30\$. De Sá da Bandeira, Angola, temos presente uma carta: Envio esses 100\$ para os pobres da Conferência por alma de minha mãe. Que sufrágio! Diamantino Marques, 6\$ remanescente dum pagamento à Tipografia. Grão a grão vai a galinha enchendo o papo. Todas as migalhas são poucas para o muito que é preciso dar para minorar o sofrimento dos pobres daqui cujo dulcíssimo encargo tomamos conta, há mais de cinco anos. Se o Mundo soubesse o que em matéria social é preciso fazer por estas terras de Portugal, melhor, por estas aldeias, talvez admirasse o heroísmo, a bondade com que os Pobres suportam sofrimentos e privações. Um dia destes, na ronda costumada topamos um, encostado à parede esburacada da lareira. Era um pôr do Sol de outono, pálido, chuvoso. A casa, um mar de fumo. Gemia.

—Como vão essas forças?

—Estou práqui que não me posso mexer!

A doença, a fome; flagelos do Pobre. Tudo ali dava tristeza. Nem as crianças! É verdade. Estou práqui que não me posso mexer! Apeteceu-me beijar e abraçar a mais pequenita. Os olhos, a boca, o semblante: a fome! Que será dela amanhã? E vim a dizer mal do mundo. Do nosso egoísmo. Das nossas fraquezas. Dos nossos pecados. Uma visita a Cristo no Pobre oferece horas altas de meditação. Oh que meditação!

Voltemos ao princípio. Senhora A. F. do Porto, os 20\$ do costume. Que grande alma! Um desabafo: Já um pouco atrasados aí vão 50\$ para a Conferência. Este período é dum postal de Alquerubim. Maria Alice Cravo, 90\$. Fânzeres, José Gomes, 20\$. Deixamos, propositadamente, para o fim a oferta, que mais nos tocou. Vem do Brasil e se pelo caminho a descobrissem até achariam graça... «Por acaso veio às minhas mãos esta moeda de dez escudos e achei que o melhor destino é enviá-la para a Conferência da Aldeia o que faço por seu intermédio lastimando não poder fazer remessa de maior quantia.» Esta moeda de 10\$ é uma heroína. Atravessou o Atlântico escondida para que escondida seja entregue a um pobre. Se alguém lhe botasse a mão profanava. É dinheiro de pobres. E dinheiro de pobres é sangue de Cristo.

Julio Mendes

«Em primeiro lugar faço eu, mais a minha esposa, sinceros votos para quando esta carta receber, se encontre de perfeita e feliz saúde na companhia de meus irmãos e do nosso querido Padre Carlos.

Tenho-lhe a pedir muita desculpa de so hoje lhe escrever, pois não tenho tido vagar visto eu sair muito tarde da oficina devido à grande abundância de trabalho. Creio que estou desculpado, pois um pai que tantas vezes perdoou este seu filho enquanto esteve na casa que o fez homem, mais esta vez e vai perdoar, por esta falta que teve em não ter escrito há mais tempo. Pai Américo: tenho a agradecer do fundo do coração a alegria que me deu e à minha actual família em me ter vindo casar. Estou-lhe imensamente grato pela grande alegria que me deu.

Agora já com o meu lar constituído, eu espero uma promessa. É que o nosso querido Pai Américo venha a nossa casa como nos prometeu. Estamos ansiosos que esse dia chegue. Quero pedir-lhe para quando resolver cá vir, venha num domingo qualquer visto à semana não nos encontrarmos em casa devido a irmos para o nosso «ganha pão».

Peço-lhe para depois nos avisar.

O que me levou a escrever-lhe esta, foi precisamente para lhe agradecer, em me tendo vindo casar, mas os agradecimentos continuam. Tenho perguntado a mim próprio com é que lhe hei-de pagar o que por mim fez; o meu coração, não me dá luzes como é que eu hei-de resolver este caso. Não há dinheiro para lhe pagar, as palavras para agradecer-lhe, não chegam. Que hei-de eu então fazer? Nada mais do que rezar, pedindo a Deus que lhe dê muitos anos de vida e que lhe guarde um lugar no Céu, como paga do que por nós sofreu e padeceu; principalmente por mim, que fui muito mau de aturar. Depois que daí saí, poucas vezes rezei o meu terço, agora depois que me casei, tenho-o feito todos os dias mais a minha esposa. Pediu-me no dia do meu casamento para eu rezar o terço, cá estou a cumprir o meu dever de cristão. Por hoje fico por aqui.

Peço-lhe para enviar a sua bênção para o lar do seu estimado filho

JOSÉ DA LENHA

Sim senhor. Vou almoçar um domingo destes com a actual família do Zé da Lenha e tenciono levar-lhe uma libra em ouro, das que às vezes me dão e eu guardo para casos desta natureza. É na rua do Duque de Saldanha, n.º 210-1.º-Direito, precisamente como vem na carta. Não sei mas pergunta-se. Graças a Deus. De longe a longe aparece aqui em casa um Zé da Lenha. Não cura naturalmente as feridas que outros causam, mas abate a dor. Graças a Deus! Noto com muita alegria que hoje, no seu Lar, reza o terço com sua mulher. Além de médico é também mestre. Mestre de todos os seus irmãos que se têm casado e de futuro venham a casar-se. Foi um Pires de Lima, não posso dizer qual de tantos; foi um Pires de Lima, sim, que duma vez, há muitos anos, nos pediu por um garoto do Barredo. Ei-lo! Pois que também se alegre o Senhor Doutor Pires de Lima. Da mesma sorte todos quantos nos amam e fazem sua esta obra redentora. Deus é maravilhoso nas suas Obras!

## Pelas Casas do Gaiato — Cont. da 3.ª página

No dia seguinte foi o dia dos Finados. Fomos à missa lembrar-nos dos nossos antepassados. Alguns compareceram e pediram auxílio ao seu padroeiro rezando pelas suas intenções. Pergunto a mim próprio de que natureza é aquilo que se sente ao despedir-nos destes dias consagrados à saúde cri-tã. A minha linguagem não sabe nem pode definir. Será um mi-to de recordação dos nossos antepassados? Ou será que eu penso se rezar por eles também teria proveito? Recordo este ambiente de fraternidade cristã de quando em visita ao cemitério. Ainda é bom que Deus nos vá lembrando sim, a nós que sabemos fazer o sinal da cruz. Olhe que acaba tudo desta vida!

João de Deus M. Rocha de Assis